

A escolha. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Depois de 15 anos de uma vida agitada, cheia de obrigações e amor pelos pais idosos, com problemas de saúde em casa, Samira é surpreendida pela mãe Lourdes durante o café da manhã:

— Filha, você precisa repensar sobre suas escolhas.

— Mãe, a vida é assim mesmo, a gente faz enquanto pode. Nós estamos juntos; um dando a mão para o outro. Graças a Deus, a aposentadoria de vocês dá conta das despesas para a senhora e meu pai terem melhor qualidade de vida. Eu fico com as minhas contas e todas as despesas da casa, além da fisioterapia. Sem a grana de vocês, eu não daria conta de três cuidadores, remédios e tantos gastos só com o salário do laboratório.

— Filha, não muda de assunto. Você precisa de uma parada. Vai ficar ainda um mês e meio de férias. Viaje, tire férias da gente.

— Quê isso, mãe! Não existe essa coisa de “férias de família”!

— Eu falo sério, Samy. Se você pudesse viajar hoje, para onde iria?

— Não deixaria a senhora e meu pai sozinhos, jamais.

— Filha, é visível o seu cansaço. Faça algo por você, é urgente!

— Eu faço caminhada todos os dias. Tem o voluntariado da favela no sábado o dia inteiro. Isso esfria a cabeça. Sei o que estou fazendo. É o que chamo de obrigação de filha.

— Não, Samira. Para tudo existe um tempo e o seu está passando. Ninguém sabe do futuro. A Rita me fala que está preocupada com você.

— Quem é ela para falar alguma coisa?

— Você se esqueceu que ela trabalha aqui em casa e cuida de mim e do seu pai há 13 anos?

— É minha obrigação, amor, mãe. Coisa de filho que quer cuidar.

— E se a gente morre de uma hora para outra?

— Bate na madeira, dona Lourdes!

— Nós já estamos bem de idade, 80 para mim e 85 do seu pai, já diz tudo, né? Não temos muito tempo mais não. Vai curtir a sua vida! Ah, se o João tivesse ainda a cabeça boa ainda, com certeza seu pai puxaria suas orelhas.

O celular de Samira toca, a conversa é interrompida.

— Exato! Samira Fagundes!

— Quem é, filha? — Ela faz um sinal de silêncio para a mãe.

Depois de uma longa pausa, a representante comercial, assombrada, apenas diz bastante segura de si:

— Vou pensar, Eduardo! Darei a resposta até o final de semana. — Desligou o telefone.

— Anda, filha. O que aconteceu? Por que esta cara?

— É lá do serviço, mãe. Um laboratório internacional convidou cinco empresas brasileiras para a participação em um grande congresso na Malásia. Gregório, o superintendente do nosso estado, se lembrou de mim e pediu que eu vá ao evento representando o MedFarmacy com ele.

— E o Eduardo, quem é?

— Ah, é gerente geral do RH. A ligação era para me explicar rapidamente sobre a viagem, dizendo que vai ter uma reunião amanhã. O congresso é no próximo mês. A presidência pediu 20 dias na Malásia.

— Anda, vai arrumar as suas malas!

— Quê isso, mãe! A Malásia não é São Paulo, não! Eu, hein?

— Liga agora para ele! Dê a resposta que daria no fim de semana! Você vai para a Malásia! Estou mandando!

— Não sei não, mãe. Vocês não podem ficar sozinhos.

— Filha, eu só não ando em pé! A minha cabeça ainda é ótima, viu? Sei muito bem tomar conta das cuidadoras em casa, mesmo na cadeira de rodas. Já seu pai, infelizmente, não se lembra mais de você, nem de mim. Ele pode até sentir falta, mas depois passa.

— Mãe, você sabe que não é isso.

— Desligue, filha! A vida está passando e, quem sabe, lá você encontra novas oportunidades de trabalho? Ou um marido?

— Dona Lourdes Fagundes! As coisas não são assim não, mocinha! — Samira deu um longo abraço na mãe.

— Viu que a nossa conversa, antes do celular tocar, voltou lá no início?

— A resposta é só no fim de semana, mãe!

No outro dia, Samira foi para a reunião e, sob pressão, decidiu ir para a Malásia. O evento foi um sucesso. Como a representante tinha um inglês invejável e uma excelente experiência de mercado, o laboratório solicitou a sua presença em várias rodadas de negócios. Em cinco dias de evento, todas as 50 empresas participantes já conheciam a Samira Fagundes do MedPharmacy Group. O superintendente já não era tão requisitado para as reuniões mais importantes. O primeiro nome nos convites era quase sempre o dela. A mulher ia fazendo conexões, conhecendo pessoas, empresas novas. Gregório ia observando o comportamento impecável da filha de Lourdes.

Ao final dos 20 dias de viagem, quando chegou em casa, ela não teve uma boa notícia. O pai contraiu uma pneumonia dupla e estava entre a vida e a morte num leito de UTI.

— Mãe, por que não me avisou? Eu voltaria no mesmo dia. — Falou desesperada.

— As coisas não são assim não, mocinha! Você não iria resolver nada. Rita me colocava no carro e íamos ao hospital e consultas com seu pai. Até que ele precisou ser entubado. A minha cabeça ainda funciona, tá?

— Desculpe, mãe! Mas devia ter me falado!

— Conta sobre a viagem. Como foi?

— Isso não me importa agora.

— Fala, filha. Seu pai está bem, na medida do possível.

— Entubado? E se ele morrer?

— Está nas mãos de Deus, Samy. O que Ele achar melhor, vai ser.

— Se eu não tivesse ido, não teria chegado nesse ponto. — Samira começou a chorar convulsivamente.

— Você não é Deus, filha. Uma hora isso vai acontecer. E a viagem? Os negócios...

A campainha toca. Outra conversa interrompida. Samira vai até a janela e tem uma surpresa:

— Gregório?! Eu nem cheguei direito. E estou de férias, esqueceu? Hoje é do-min-go!

— Posso entrar? Tenho uma proposta para você.

— Amanhã, a gente conversa.

— Tem que ser hoje!

Lourdes vai até o interfone e libera a entrada de Gregório.

Na sala, a representante comercial pede à mãe que os deixe a sós. Ela sai, mas fica na escuta no cômodo ao lado.

— Gregório, eu já te pedi! É sem conversas de trabalho nos finais de semana. Você sabe dos meus problemas aqui em casa.

— Eu tenho uma proposta para você que, se fosse comigo, eu não recusaria. Não vou tomar o seu tempo.

— Diga então!

— Tivemos ótimos resultados no Congresso e a matriz da empresa na Suíça está te convidando para assumir a Supervisão dos representantes comerciais de todas as unidades do MedPharmacy na Europa.

— Não pode ser! — Ela começou a tremer de nervoso.

— É claro que pode. Você consegue!

Lourdes grita do fundo da casa:

— Samira, arruma as suas malas e vai embora! — Ao ouvir esta frase, a mulher se levanta do sofá em sobressalto:

— Com licença, Gregório!

— Toda! — Disse o homem sorrindo levemente.

No quarto dos fundos, Samira fala baixo, porém com rispidez para a mãe:

— Não intromete, mãe, por favor. A carreira é minha, sou eu quem tem que responder.

— Filha, mas eu...

Samira nem terminou de ouvir e já estava de volta à sala:

— Não dê ouvidos à minha mãe. Às vezes, ela fala demais!

— Tudo bem! E então o que acha da minha proposta? É pegar ou largar. Lembrando que se eu sair com a resposta negativa, vou e nunca mais volto, certo?

— E se eu não aceitar, como fica o meu emprego?

— Continua da maneira que está, mas não adianta chorar depois.

— Isso é para “quando”?

— Semana passada! Você deve ir em até um mês para assumir o novo cargo.

— Vai embora, filha. — Interrompeu a mãe, gritando no fundo da casa.

— Gregório, alguém já te contou como está a minha vida? Que meu pai está entubado na UTI de um hospital? Que a minha mãe não anda mais e eu tenho a obrigação “de filha” de cuidar deles? Não tenho irmãos, você sabia?

O homem emudeceu:

— Eu não sabia, desculpe. O problema é que eles querem você para a supervisão geral na Europa. Eu sinto muito se...

— Eu não tenho como pensar nisso agora, Greg.

— Eles precisam de uma resposta até quarta à tarde. Eu não recusaria!

— Mesmo se seus pais estivessem numa condição desta?

Numa resposta imediata, Gregório respondeu:

— É sua carreira, Samy.

— Filha, escuta o seu chefe! Vai embora morar na Suíça. — Interrompeu a Lourdes já na sala.

— Mãe, por favor! Da minha vida cuido eu. Não adianta querer intrometer numa decisão minha. Eu já tenho 47 anos.

O superintendente do MedFarmacy se levanta do sofá:

— Eu não quero atrapalhar, Samira. Na quarta, a gente se encontra. Fala com sua mãe. Certamente, é a melhor oportunidade que já caiu em suas mãos até hoje.

— Sim, verdade. Nunca houve melhor!

— Então a resposta é sim, né, filha? — Pergunta a mãe bem agitada e interessada na proposta.

— Greg, você vai sair com a resposta negativa e nunca mais vai voltar, certo?

O homem arregalou os olhos, Lourdes começou a sentir falta de ar, enquanto dizia ofegante:

— Não pode ser, filha!

— O que você está fazendo com a sua carreira, Samy?

— A escolha é minha, não é, Greg?

— Mas o que vou dizer para a matriz na Suíça? Eles gostaram tanto de você! A vaga é a sua cara. Salário 15 mil dólares, mais aluguel pago por dois anos e um carro.

— Perguntei, a escolha é minha, não é?

Greg e Lourdes disseram, ao mesmo tempo, como se fosse uma fala ensaiada no teatro:

— Tem certeza, Samira?

— E vocês querem que eu faça o quê? Escolher entre meu pai que está entre a vida e a morte e a minha mãe já de idade que precisa de mim e uma oportunidade de trabalho na Suíça? Meus pais valem muito mais do que isso! Família versus carreira/dinheiro? Se fosse há 20 anos, a resposta, claro, seria “sim”! Agora, sem chance!

— O que a senhora acha, Dona Lourdes? E se fosse a senhora?

— Eu iria sem pensar duas vezes!

— Você deixaria de cuidar dos seus pais no fim da vida, Greg, por um emprego dos sonhos? Eu fiquei 20 dias na Malásia enquanto meu pai estava doente e eu nem imaginava o problema grave que havia aqui em casa.

— Pensa bem, Samy!

— Que se dane a Suíça, a minha família em primeiro lugar!

Sem mais argumentos, Gregório digitou rapidamente a seguinte mensagem de texto para Eduardo:

"Gentileza fazer contato com a matriz na Suíça. Diga apenas, 'resposta negativa'. Abertura de processo seletivo para Supervisão na Europa. Sem mais para o momento".